



CARREIRA E CAPITAL MILITANTES: CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLOGIA DO ENGAJAMENTO MILITANTE PARA A HISTORIOGRAFIA DAS ESQUERDAS BRASILEIRAS¹

Militant career and militant capital: contributions of the sociology of activism to the historiography of the Brazilian left

Carrera y capital militantes: contribuciones de la sociología del compromiso militante a la historiografía de las izquierdas brasileñas

Higor Codarin²

Resumo:

Mobilizando um arcabouço teórico-metodológico pouco utilizado na historiografia brasileira sobre as esquerdas, este artigo busca refletir a respeito das potencialidades analíticas relacionadas à sociologia do engajamento militante. Por intermédio dos conceitos de carreira e capital militantes, argumenta-se que sua utilização permite deslocar o foco das análises organizacionais e conjunturais para as dinâmicas biográficas do engajamento. Lançando luz às consequências biográficas da militância, o artigo evidencia a possibilidade de apreender a atividade militante na longa duração, assim como a compreensão de processos de reconversão das disposições e competências adquiridas ao longo da trajetória militante, especialmente em contextos de desengajamento.

Palavras-chave: Trajetórias militantes. Capital militante. Esquerdas brasileiras.

Abstract:

Drawing on a theoretical and methodological framework still scarcely mobilized in Brazilian historiography on the left, this article reflects on the analytical potential of the sociology of activism. Through the concepts of militant career and militant capital, it argues that their use allows for a shift from organizational and conjunctural analyses toward the biographical dynamics of engagement. By highlighting the biographical consequences of activism, the article demonstrates the possibility of apprehending militant activity over the long term, as well as understanding the processes of reconversion of dispositions and competencies acquired throughout militant trajectories, particularly in contexts of disengagement.

Keywords: Militant trajectories. Militant capital. Brazilian left-wing movements.

Resumen:

Movilizando un marco teórico-metodológico aún poco utilizado en la historiografía brasileña sobre las izquierdas, este artículo propone reflexionar acerca de las potencialidades analíticas de la sociología del compromiso militante. A partir de los conceptos de carrera y capital militantes, se sostiene que su utilización permite desplazar el foco de los análisis organizacionales y coyunturales hacia las dinámicas biográficas del compromiso. Al poner de relieve las consecuencias biográficas del compromiso militante, el artículo evidencia la posibilidad de aprehender la actividad militante en la larga duración, así como comprender los procesos de reconversión de las disposiciones y competencias adquiridas a lo largo de la trayectoria militante, especialmente en contextos de desmovilización.

Palabras clave: Trayectorias militantes. Capital militante. Izquierdas brasileñas.

A historiografia sobre as esquerdas brasileiras³, assim como seu objeto de estudo, é plural e diversa. Particularmente fértil, quando em comparação a outros espectros políticos, recobriu períodos, partidos e organizações distintos. Por um longo período, sua vertente dominante privilegiou, em grande medida, as dinâmicas conjunturais, teóricas e organizacionais. Acabou por menosprezar, portanto, o fenômeno da militância política, assim como as opções individuais relacionadas ao engajamento. Embora esse cenário tenha se tornado mais diverso, com importantes contribuições às dinâmicas e experiências individuais, persistem lacunas importantes a serem preenchidas nos estudos relacionados à temática. Lacunas estas que se tornam evidentes a partir do conjunto conceitual construído no seio da sociologia do engajamento militante, arcabouço teórico-metodológico ainda incipiente na bibliografia brasileira.

Partindo dos conceitos de carreira e capital militantes, relacionando-os às discussões a respeito das consequências biográficas do engajamento, o presente artigo sustenta que sua incorporação permite renovar as abordagens historiográficas sobre as esquerdas brasileiras. Para

alcançar este objetivo, divide-se em três partes principais. Inicialmente, apresenta, em linhas gerais, as principais vertentes que caracterizam os estudos a respeito das esquerdas brasileiras. Em seguida, discute os conceitos de capital e carreira militantes, situando-os no interior da sociologia do engajamento militante. Por fim, explora as potencialidades analíticas de sua aplicação na abertura de novas perspectivas a respeito da temática mobilizada pelo artigo.⁴

A historiografia brasileira sobre as esquerdas

Seria impossível, no espaço de um artigo, reunir e mobilizar todas as vertentes que a caracterizam. É, no entanto, fundamental, para os objetivos a que se propõe este texto, introduzir os aspectos primordiais que balizaram a escrita historiográfica a respeito das teorias, movimentos, partidos, organizações e militantes que compõem esse mosaico.

Embora não possa ser caracterizado como conjunto totalizante das produções historiográficas do período, o projeto de compêndio da história do marxismo no Brasil, iniciado em 1988 por João Quartim de Moraes e Daniel Aarão Reis, representa um marco para a historiografia. Como tentativa de sistematização e unificação de ângulos diversos, acaba por representar, colateralmente, os interesses e objetos de pesquisa predominantes naquele contexto.

Surgido no âmbito do grupo de trabalho Partidos e Movimento de Esquerda associado à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), depois transferido para a Associação Nacional de História (ANPUH), o projeto buscou reunir trabalhos em três eixos: “1) influxos teóricos, doutrinas e revoluções internacionais; 2) formulações do marxismo no Brasil: autores e correntes; 3) a história das organizações marxistas no Brasil: experiências e momentos relevantes” (AARÃO REIS; QUARTIM DE MORAES, 2003, p. 7).

Depois de quase duas décadas desde seu início, o projeto foi concluído com a publicação do último dos seis volumes que constituem *A história do marxismo no Brasil*.⁵ Embora reste uma contribuição fundamental e incontornável aos estudos das esquerdas marxistas, seus objetivos, centrados nas dinâmicas conjunturais, teóricas e organizacionais, acabaram por oferecer pouco espaço ao fenômeno da militância política e das opções individuais.

Neste sentido, *A história do marxismo no Brasil* pode ser considerada como a representação de uma vertente historiográfica protagonista em seu contexto, privilegiando a dimensão macroscópica da análise das esquerdas brasileiras.

Outras pesquisas, produzidas igualmente neste período, porém mais marginais, propunham enfoques analíticos diversos. Beneficiando-se do questionamento dos paradigmas

estruturalista e marxista que permeava a historiografia na década de 1980, da problemática de gênero enquanto categoria analítica e das aberturas metodológicas relacionadas à história oral, esses trabalhos, capitaneados por historiadoras e centrados na história das mulheres, sublinhavam a importância da dinâmica individual para compreensão das ações políticas. As obras fundamentais de Elizabeth Xavier Ferreira (1996) e Ana Maria Colling (1997), relacionadas à militância feminina ao longo da ditadura civil-militar iniciada em 1964, são marcos representativos dessa vertente.⁶ O impacto delas levou, inclusive, Marco Aurélio Garcia a defender a importância das problemáticas levantadas para a construção de uma “*outra história da ação política*” (GARCIA, 1998, p. 325. *Grifo no original*). Sustentando a importância das análises sobre os seres humanos concretos que encarnavam as possíveis políticas dos partidos e organizações, propunha uma questão retórica: “É possível uma história da esquerda, sem uma história da militância política?” (GARCIA, 1998, p. 320).

Neste sentido, os estudos baseados nas análises de gênero, embora menos predominantes, capitaneavam uma nova perspectiva analítica, iluminando aspectos pouco mobilizados na historiografia sobre a temática.

A influência desse nova vertente historiográfica ficou evidente em um novo esforço de compêndio. Organizada em três volumes por Jorge Ferreira e Daniel Aarão Reis e publicada em 2007, a coleção *As esquerdas no Brasil* refletia a consolidação historiográfica de abordagens que privilegiavam o microcosmo social.

Embora fizessem referência aos grupos de estudo acima mencionados, que idealizaram o compêndio sobre a história do marxismo no Brasil, os organizadores faziam questão, na apresentação da coleção, de ressaltar a contribuição dos “[...] vários programas de pós-graduação e cursos de graduação nas diversas disciplinas que constituem a grande área das Ciências Humanas, teses, dissertações e monografias”, que comprovavam “o vigor do interesse e das pesquisas sobre o assunto” (AARÃO REIS; FERREIRA, 2007, p. 9).

O sumário das obras sintetiza bem a mudança na perspectiva. Dos 66 capítulos que compõem os três volumes, 24 apontam nomes próprios em seus títulos.

Os indivíduos passavam, então, a iluminar novas problemáticas, como também a responder questões formuladas anteriormente a partir de novos prismas. Como apontavam os teóricos da micro-história italiana, através da redução da escala de análise, ampliavam-se, contraditoriamente, os horizontes possíveis de pesquisa.

De 2007 até os dias atuais, a importância dos indivíduos para a história da esquerda não retrocedeu. Ao contrário. A pletera de biografias de militantes políticos publicadas por historiadores nos últimos tempos atesta isso.⁷

No entanto, embora o indivíduo tenha deixado o ostracismo – ou, ao menos, a secundarização – para se tornar protagonista da historiografia sobre as esquerdas brasileiras nos tempos recentes, ainda restam lacunas importantes a serem preenchidas na análise da militância política individual. Acreditamos que parte delas possam ser iluminadas a partir do arcabouço teórico-metodológico da sociologia do engajamento militante.

Carreira e capital militantes

Fortemente enraizada nas produções sociológicas norte-americana e francesa, a sociologia do engajamento militante tem como objetivo fundamental apreender o fenômeno do engajamento ou, dito de outro modo, a “[...] participação *duradoura* em uma ação coletiva que vise à defesa ou à promoção de uma causa” (SAWICKI; SIMÉANT, 2009, p. 2).

Adquirindo contornos mais nítidos como vertente sociológica a partir dos anos 70, a sociologia do engajamento militante, em uma perspectiva holística, priorizava análises mesológicas, ou seja, focada nas organizações políticas e/ou macrossociológica, relacionadas às estruturas sociais. Dito de outro modo, buscava compreender o surgimento e a manutenção da atividade militante a partir de coordenadas sociais amplas, privilegiando enfoques através de grupos, classes sociais e/ou conjunturas sociopolíticas de grande escala. Os indivíduos, quando presentes, eram utilizados, na ampla maioria dos casos, para fundamentar análises estatísticas (SAWICKI; SIMÉANT, 2009; LECLERCQ, PAGIS, 2011).

No entanto, em movimento semelhante ao historiográfico descrito acima, a partir de fins da década de 1980, passou a predominar o que foi denominado como paradigma interacionista⁸, em que os enfoques individuais ocupavam espaço mais central nas análises a respeito da atividade militante.

Um dos trabalhos importantes que surgiu neste período foi a análise do sociólogo norte-americano Doug McAdam a respeito do movimento *Freedom Summers*⁹. Conceituando o engajamento nesta organização como *high risk activism*, o autor buscou compreender os efeitos da militância política na longa duração. Como resultado de suas pesquisas, passadas mais de duas décadas do fim do movimento, concluiu que o engajamento militante operou um processo de “ressocialização radical”, podendo ser verificado um “antes” e um “depois” na trajetória desses

indivíduos, alterando, de forma fundamental, suas maneiras de ser e enxergar o mundo (McADAM, 1989, p. 758).

Décadas depois do trabalho de McAdam, sociólogos franceses, tributários de suas reflexões, passaram a realçar as consequências biográficas da militância. Para esse “subcampo” que se fortalecia, importava compreender “[...] as maneiras pelas quais o engajamento gera ou modifica disposições para agir, pensar, perceber - e perceber a si mesmo” (LECLERQ, PAGIS, 2011, p. 5). Invertendo a lógica analítica clássica sobre a atividade militante, o enfoque não se restringe ao processo social que produziu o indivíduo enquanto militante, apesar de esta ser também uma questão fundamental, mas qual a incidência da atividade militante na vida individual ou, em outras palavras: “[...] saber como o engajamento é suscetível de influenciar continuamente, redefinindo ou modificando o conjunto de representações e práticas individuais.” (LECLERQ, PAGIS, 2011, p. 6).

Para isso, parte dos sociólogos, interessados na apreensão dessas consequências, lançou mão de dois conceitos especialmente importantes: carreira e capital militantes.

Derivado das reflexões de Everett Hughes, o conceito de carreira foi ampliado por Howard Becker (1985). A partir dele, podemos, como apontou o sociólogo Olivier Fillieule (2020), apreender o processo e a dialética permanente entre história individual, instituição e contextos, como um produto concreto do que os agentes fazem ao serem feitos. Quando aplicado ao engajamento político, concebe-se, então, uma carreira militante “[...] como, em cada etapa da biografia, as atitudes e comportamentos presentes são determinados pelas atitudes e comportamentos passados, condicionando, por sua vez, o campo de possibilidades que virá e situando, assim, os períodos de engajamento no conjunto do ciclo de vida” (FILLIEULE et al., 2020, p. 87).

Já o conceito de capital militante é tributário das reflexões iniciadas pelo cientista político francês Daniel Gaxie. Buscando compreender o engajamento e sua manutenção, Gaxie sublinhou a importância de compreender os mecanismos vinculados às retribuições da atividade militante. Como retribuições, interessava-o apreender as “[...] satisfações, vantagens, prazeres, alegrias, felicidades, proveitos, benefícios, gratificações, incentivos ou recompensas do militantismo” (GAXIE, 2005, p. 160).

Pensando a partir desta chave analítica, Matonti e Poupeau buscaram construir uma definição de capital militante. Dialogando com a noção bourdieusiana de capital, que acreditavam ser insuficiente em relação à atividade militante, os autores defendem que, ao longo da trajetória militante, incorporam-se os capitais militantes, definidos como “[...] aprendizagens conferidas

pelo militatismo, competências adquiridas do exterior, bem como aquelas ‘aprendidas na prática’” (MATONTI; POUPEAU, 2004, p. 7). Em outras palavras, como “[...] formas técnicas, de disposições para agir, intervir, ou simplesmente obedecer; recobre um conjunto de saberes e *savoir-faire* mobilizados durante as ações coletivas, as lutas entre ou intrapartidárias” (MATONTI; POUPEAU, 2004, p. 8).

Adquirido e valorizado no campo político, este capital pode, no entanto, vincular-se a outros campos sociais. É passível, portanto, de ser reconvertido, em caso de abandono da militância (MATONTI; POUPEAU, 2004).

Embora não automaticamente relacionados por seus autores, pode-se estabelecer uma relação entre carreira e capitais militantes. A partir disso, podemos demonstrar de que modo sua incorporação à historiografia das esquerdas brasileiras contribui à abertura de novas temáticas e problemáticas.

Novas possibilidades

No contexto bibliográfico atual, são poucas as análises que levam em consideração os conceitos mobilizados anteriormente.¹⁰

Quando analisamos, por exemplo, as produções a respeito da esquerda armada brasileira, nota-se a importância dada às dinâmicas individuais. Em específico as contribuições vinculadas à história das mulheres, que continuaram em ascensão após os trabalhos de Colling e Xavier, são a principal evidência disso.¹¹

Nesse aspecto, os trabalhos que sublinham a importância dos indivíduos na construção de partidos, organizações e/ou movimentos de esquerda, representam uma satisfatória compreensão da dialética indivíduo/sociedade. Em outras palavras, demonstram bem a fecundidade das dinâmicas individuais para compreensão de processos sociais mais amplos. Como apontou Mary Del Priore:

[...] o indivíduo é, ao mesmo tempo, ator crítico e produto de sua época, seu percurso iluminando a história por dois ângulos distintos. Um explícito, pela iniciativa voluntária do observador que propõe uma análise da sociedade na qual o personagem está inscrito. O outro, implícito, avaliado no percurso do personagem que ilustra, por sua vez, as tensões, conflitos e contradições de um tempo, todos essenciais para a compreensão do período (DEL PRIORE, 2009, p. 11).

No entanto, com exceção das biografias históricas que, naturalmente, centram-se no arco existencial dos biografados, as demais análises, em decorrência de seus recortes temporais e/ou temáticos específicos, não conseguem dar conta de outros fenômenos importantes relacionados à militância política a longo prazo. A articulação entre carreira e capital militantes permite ampliar o alcance dessas análises, apreendendo a militância não como um episódio circunscrito, mas como um processo biográfico de longa duração, no qual se acumulam disposições, competências e recursos passíveis de mobilização para além do momento do engajamento.

Ultrapassando a compreensão de um momento preciso das trajetórias individuais, a articulação dos conceitos contribui à compreensão das metamorfoses, bifurcações e reconfigurações de projetos e identidades ao longo do tempo. Para além, contribui à análise dos processos envolvidos na manutenção e/ou abandono da atividade militante. Dito de outro modo, à possibilidade do desengajamento militante e suas consequências. Por fim, mas não menos importante, lança luz também sobre as visões de mundo, competências e aptidões aportadas pela vida militante.

Alguns estudos recentes sobre ex-militantes da esquerda armada, tomados como casos-extremos de inadaptação no retorno à sociedade brasileira após a Lei da Anistia, ilustram esse tipo de abordagem (CODARIN, 2025). Em vez de limitar-se à descrição da derrota política e de seus efeitos psicológicos, a análise das carreiras militantes permite reconstituir, etapa a etapa, como certas disposições foram sendo acumuladas, reforçadas e, posteriormente, se tornaram obstáculos concretos à reconversão profissional e política. Nesses casos, o capital militante, longe de desaparecer com o desengajamento, reaparece sob a forma de disposições que dificultam a adesão a rotinas de trabalho, a aceitação de hierarquias ou a participação em espaços institucionais marcados pelo compromisso e pela negociação.

Em sentido diverso, trabalhos que se dediquem, por exemplo, a ex-militantes que se tornaram professores e/ou intelectuais públicos indicam como o capital militante pode ser reconvertido em outros campos.¹² A familiaridade com a linguagem política, a experiência da organização de coletivos, a capacidade de falar em público e de construir redes de solidariedade aparecem, nessas trajetórias, como recursos decisivos para o ingresso e a ascensão em espaços acadêmicos e institucionais. A militância, portanto, para os que a abandonaram, deixa de ser apenas um “passado” político e passa a ser tratada como matriz de competências e disposições continuamente mobilizadas.

Em resumo, nesta perspectiva, ao lançar luz sobre a carreira e o capital militantes, não iluminamos apenas as trajetórias individuais. Evidenciamos, também, as sociedades que produziram esses militantes, as condições que possibilitaram a manutenção e/ou o abandono do engajamento e as formas de valorização ou desvalorização das competências e aptidões adquiridas ao longo da carreira militante.

Considerações finais

Este artigo teve por objetivo analisar a potencialidade analítica das ferramentas metodológicas vinculadas à sociologia do engajamento militante na construção de outros vieses de análise da história das esquerdas brasileiras. Através dos conceitos de capital e carreira militantes evidenciou-se a importância de lançar luz às consequências biográficas ligadas ao fenômeno da militância. Utilizando-os, pode-se abrir uma vereda analítica que leve em consideração o engajamento militante a longo prazo, mesmo em caso de abandono.

Neste sentido, torna-se possível, a um só tempo, compreender as trajetórias militantes em suas transformações e metamorfoses de projetos e identidades, assim como as dinâmicas que explicam processos de abandono. Para esses últimos, o conceito de capital militante ajuda, especialmente, na perspectiva de compreensão das dinâmicas de reconversão das competências e aptidões adquiridas.

Em síntese, o artigo argumentou que a análise da militância a longo prazo oferece uma chave interpretativa fecunda para a historiografia das esquerdas brasileiras, ao permitir observar não apenas os momentos de engajamento, mas também os processos de abandono, reconversão e reinscrição social das experiências militantes. Nessa perspectiva, carreira e capital militantes ajudam a compreender como disposições, competências e expectativas produzidas na militância são transformadas ao longo do tempo, inclusive quando os agentes deixam a ação coletiva. Mais do que iluminar trajetórias individuais, esse enfoque permite examinar as formas pelas quais a sociedade acolheu, reconfigurou ou marginalizou as demandas e os legados do engajamento político.

Referências:

AARÃO REIS, Daniel; QUARTIM DE MORAES, João (orgs.). **História do marxismo no Brasil**. 6 v. Campinas: Editora da Unicamp, 1991-2007.

- AARÃO REIS, Daniel. **Luiz Carlos Prestes: um revolucionário entre dois mundos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- BECKER, Howard S. **Outsiders: études de sociologie de la déviance**. Traduit de l'américain par Jean-Pierre Briand et Jean-Michel Chapoulie. Paris: Métailié, 1985.
- COLLING, Ana Maria. **A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- CODARIN, Higor. O ano que não terminou: Desengajamento militante e inadaptação na geração de 1968 brasileira. **Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 82, p. 401–432, 2025. DOI: 10.23925/2176-2767.2025v82p401-432. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/68594>. Acesso em: 25 abr. 2026.
- CODARIN, Higor. **Vera Sílvia Magalhães – revolucionar a vida, reconstruir o mundo**. Jundiaí: Paco Editorial, 2025.
- FERREIRA, Elizabeth Fernandes Xavier. **Mulheres, militância e memória: histórias de vida, histórias de sobrevivência**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
- FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel (Orgs.). **As esquerdas no Brasil**. 3 v. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- FERREIRA, Jorge. **João Goulart: uma biografia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- FERREIRA, Jorge. **Elisa Branco: uma vida em vermelho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.
- FILLIEULE, Olivier; MATHIEU, Laurence; PÉCHU, Christophe (Orgs.). **Dictionnaire des mouvements sociaux**. 2. ed. Paris: Presses de Sciences Po, 2020.
- GARCIA, Marco Aurélio. O gênero da militância: notas sobre as possibilidades de uma outra história da ação política. **Pagu**, Campinas, n. 8-9, p. 319-338, 1997.
- GAXIE, Daniel. Rétributions du militantisme et paradoxes de l'action collective. **Swiss Political Science Review**, v. 11, p. 157-188, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1002/j.1662-6370.2005.tb00051.x>.
- GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas: a esquerda brasileira – das ilusões perdidas à luta armada**. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2014.
- LECLERQ, Catherine; PAGIS, Julie. Les incidences biographiques de l'engagement. **Sociétés Contemporaines**, Paris, n. 84, p. 5-23, 2011.
- LIMA, Náthani Siqueira; GANTOS, Marcelo Carlos. Dinâmicas de engajamento e desengajamento político: uma análise no âmbito do Projeto de Educação Ambiental Territórios do Petróleo. **Latitude**, Maceió, v. 16, n. 2, p. 241-268, 2022.
- MATHIEU, Lilian. L'engagement enseignant des soixante-huitards. **Actes de la recherche en sciences sociales**, Paris, n. 240, p. 14-29, 2021. DOI: 10.3917/arss.240.0014.
- MATONTI, Florence; POUPEAU, Franck. Le capital militant. Essai de définition. **Actes de la recherche en sciences sociales**, n. 155, p. 4-11, 2004. DOI: 10.3917/arss.155.0004.
- MCADAM, Doug. The biographical consequences of activism. **American Sociological Review**, Washington, v. 54, n. 5, p. 744-760, 1989. DOI: 10.2307/2117751.
- NAUJORKS, Carlos José; SILVA, Marcelo Kunrath. Correspondência identitária e engajamento militante. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 136-152, 2016.

PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe; VEIGA, Ana Maria. **Resistências, gênero e feminismos contra as ditaduras no Cone Sul**. Florianópolis: Mulheres, 2011.

PEDRO, Joana Maria; SILVA, Janine Gomes da; WOLFF, Cristina Scheibe (Orgs.). **Memórias da resistência: mulheres nas ditaduras do Cone Sul**. Florianópolis: Pimenta Cultural, 2024.

PRIORE, Mary del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. **Topoi**, v. 10, n. 19, p. 7-16, jul./dez. 2009.

RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da revolução brasileira**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

SALES, André Luis Leite de Figueirêdo; FONTES, Flávio Fernandes; YASUI, Silvio. Para (re)colocar um problema: a militância em questão. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 26, n. 2, p. 757-772, 2018.

SAWICKI, Frédéric; SIMÉANT, Johanna. Décloisonner la sociologie de l'engagement militant. **Sociologie du Travail**, Paris, v. 51, n. 1, p. 97-125, 2009.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Flávio Koutzii: biografia de um militante revolucionário (de 1943 a 1984)**. Porto Alegre: Libretos, 2017.

SEIDL, Eduardo. Um capital militante em transformação? Tensões e ambiguidades na militância do Movimento Passe Livre. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 26, n. 50, p. 1-23, 2021.

WOLFF, Cristina Scheibe; ZANDONÁ, Jair; MELLO, Soraia Carolina de. **Mulheres de luta: feminismo e esquerdas no Brasil (1964-1985)**. Curitiba: Appris, 2019.

Declaração de uso de Inteligência Artificial:

No presente artigo foi utilizada a ferramenta Claude (Versão 4.6), com a finalidade de organizar as notas e as referências bibliográficas.

Notas:

¹ Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Número do processo: 2025/00013-2

² Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente é pesquisador convidado na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) e pós-doutorando vinculado ao departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: higor.codarin@gmail.com / Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0227-1803>

³ Utiliza-se, no presente artigo, o termo esquerda conforme as reflexões de Marco Aurélio Garcia e Jacob Gorender. Para o primeiro, a esquerda se constitui como um “[...] campo de forças sociais e políticas e de correntes heterogêneas que agrupa socialistas, comunistas (e suas dissidências), libertários, crescentemente setores cristãos, e que se inscrevem em uma perspectiva crítica ao capitalismo.” (GARCIA, 1986, p. 194) Na mesma linha, Jacob Gorender, ressaltando também a pluralidade, sublinhou sua íntima relação com o ímpeto transformador: “[...] entendo por esquerda o conceito referencial de movimentos e ideias endereçados ao projeto de transformação social em benefício das classes oprimidas e exploradas. Os diferentes graus, caminhos e formas dessa transformação social pluralizam a esquerda e fazem dela um espectro de cores e matizes.” (GORENDER, 2014, p. 11) Na intersecção, portanto, entre pluralidade, crítica ao capitalismo e transformação social é que optamos pela utilização do termo esquerdas brasileiras no plural.

⁴ Este texto integra um projeto de pesquisa em andamento sobre as consequências biográficas do engajamento militante na geração de 1968 brasileira, dedicado justamente a explorar essas lacunas em perspectiva de longa duração.

⁵ Depois do primeiro volume ser publicado no início da década de 1990 pela editora Paz e Terra, o projeto foi abandonado pela editora. Os idealizadores, então, após um hiato, conseguiram estabelecer um acordo com a Editora da Unicamp, que reeditou o primeiro volume e se encarregou, ao longo da década seguinte, da publicação dos demais.

⁶ Dentro das produções a respeito das organizações que empunharam armas para lutar contra a ditadura, vale ressaltar, também, o trabalho clássico de Marcelo Ridenti, *O fantasma da revolução brasileira*. Embora não tenha como objetivo central a dinâmica da militância em si, a obra debate a opção individual pela militância, assim como suas dinâmicas individuais, valendo-se da realização de diversas entrevistas com ex-militantes. Para maiores detalhes, cf. RIDENTI, 2010.

⁷ Para ficarmos em apenas alguns exemplos de biografias de militantes políticos de esquerda escritas e publicadas por historiadores, cf. AARÃO REIS (2014); CODARIN (2025); FERREIRA (2011; 2023); SCHMIDT (2017).

⁸ Conforme Sawicki e Siméant: “O esgotamento dos paradigmas marxista e estruturalista, transferindo a atenção dos sociólogos para a ação e as interações, e também para a história e, portanto, para a dialética ação/instituição influenciou profundamente a sociologia do engajamento militante e favoreceu sua renovação ao longo da década de 1980. De início, colocada a questão tabu das retribuições do militantismo; em seguida, ultrapassando uma concepção redutora da socialização militante, seja como produto unicamente vinculado à socialização primária, seja como resultante principal do trabalho de doutrinação e de controle ideológico realizado no seio das organizações. [...] Assim, pode-se caracterizar, esquematicamente, esta mudança como surgimento de um paradigma individualista, não como individualismo metodológico, mas integrando a análise das interações entre indivíduos e entre indivíduos e contextos de ação, fato que autoriza, então, denominarmos de *paradigma interacionista*.” (2009, p. 6)

⁹ Movimento estadunidense em defesa dos direitos civis da população negra. Realizado em 1964, tratava-se de uma campanha para cadastrar os negros estadunidenses nas listas eleitorais do estado do Mississippi.

¹⁰ Para a quase totalidade dos estudos que levam em consideração a sociologia do engajamento militante e, especialmente, os conceitos aqui mobilizados, cf. NAUJORKS, SILVA, 2016; SALES, FONTES, YASUI, 2018; SEIDL, 2021; GANTOS, LIMA, 2022

¹¹ Para citar apenas três coletâneas que discutem esta questão, cf. PEDRO; WOLFF; VEIGA (2011); WOLFF; ZANDONÁ; MELLO (2019); PEDRO; WOLFF (2024).

¹² Para um exemplo de análise deste tipo a respeito dos ex-militantes de 1968 na França, cf. MATHIEU, 2021.